

Na cidade : 3 mezes, 500
reys Fora da cidade : com
acrescimento das estampilhas
Anuncios : na primeira
vez 20 reis por linha. Na
repetição 10 rs.

O BRADO LIBERAL

Na typographia d'esta fo-
lha, rua Nova de Sousa,
n.º 45.

Direcção jornalística, rua
das Aguas, n.º 84.

SEMENARIO BRACARENSE ANTI-REACCIONARIO,
HABILITADO NA FÓRMA DA LEI.
PUBLICA-SE A'S SEXTAS FEIRAS.

NUMERO 19.

SEXTA FEIRA 9 D'OUTUBRO DE 1874.

ANNO I.

O BRADO LIBERAL.

Entrou ha pouco em nossa redacção o *Trasmontano* de Villa-Real, «folha popular e litteraria», de que não ha publicados ainda senão 70 numeros com o de 4 do corrente.

Approveitamos a oportunidade d'annunciar aos nossos leitores esta folha, transcrevendo hoje o artigo principal do seu ultimo numero, á cerca da *escola gratuita e obrigatoria*, e da *penitenciária* :

«A verdadeira civilização d'um povo, depende principalmente da sua instrução, da sua educação e do seu desenvolvimento intellectual e moral, da illustração e da bondade do espirito publico : e este só consegue tornar-se illustrado e bom, quando aos cidadãos não faltam escolas para se instruirem, e estabelecimentos de educação e correccção para se moralisarem.

«Sendo, pois, a instrução, como é, o primeiro elemento que deve dirigir as sociedades modernas—o meio mais salutar de promover o seu progresso e o seu aperfeiçoamento ; a instrução não pode deixar de ser gratuita e obrigatoria para todos.

«A ignorancia é um perigo que está constantemente ameaçando a sociedade : os grandes crimes, assim como as grandes convulsões sociais que fazem estremecer o solo das nações e lançam por toda a parte a ruína, a desolação e a morte, sahem do fundo d'esses tenebrosos abysmos onde habitam as almas immersas em sombras.

«Ha milhares e milhares de creaturas que, nascendo filhas da deshonra, ou da miseria, são logo nos primeiros annos lançadas ao abandono e ao isolamento, ou curvadas sob o pezo d'um trabalho rude que lhe esmaga o corpo e lhe atrophia todas as suas faculdades moraes.

«A escola onde lhe deveria ser ministrado o pão espirital, onde a sua intelligencia se prepararia para o trabalho honrado, prevenindo o crime, está por assim dizer fechada para

esses desgraçados que arrastam sobre a terra uma vida de misérias e aviltamentos, que o mais das vezes vai acabar debaixo dos ferros dos nossos carcereiros ou sobre as enfermarias dos leitos dos hospitaes da caridade publica.

«Ha ahí muitos que condemnam o principio da instrução primaria gratuita e obrigatoria como um attentado ao principio da liberdade, não se lembrando que a liberdade é sobre tudo o poder de fazer o bem, que só é livre o homem que tem a consciencia dos seus deveres, que é responsavel dos seus actos, e sabe sacrificar-se pela virtude e lutar pela justiça.

«Formar as intelligencias, educar os corações, fundar a escola em todos os povoados, derramar a instrução por todas as classes da sociedade—só assim é que um povo escravizado pela ignorancia, se transformará em um povo de homens livres.

«O difficil problema da criminalidade não se resolve com os carcereiros, com os patibulos e com os degredos : o meio mais efficaz de combater o crime é prevenil-o pela instrução e pela educação, dando a todas as consciencias o sentimento moral da dignidade humana.

«Quanto mais povoada for a escola, menos o será a cadeia.

«Defendendo, pois, o principio da instrução gratuita e obrigatoria, defendemos ao mesmo tempo o principio da liberdade, porque sem instrução e sem educação o homem será toda a vida escravo.

«A creatura humana a quem muito cedo curvaram a cabeça para a terra, jamais a levantará para o ceo : sentirá sempre em toda a sua vida a pezar-lhe sobre o corpo e sobre o espirito o jugo da escravidão.

«Ella não chegará nunca a comprehendere a liberdade, esse diadema sacrosancto com que a Providencia lhe cingiu a fronte, esmagado pela miseria e algeinado pela ignorancia : esse homem, victima da injustiça social, caminhará arrastado pela terra

sem conhecer o seu destino, como mais um ente desgraçado arrojado no immenso turbilhão dos entes : tudo poderão fazer delle, menos artista, philosopho ou poeta.

«A escola deve ser, pois, um direito e uma obrigação para todos.

«A escola dará á patria cidadãos uteis, e fará descer as estatísticas criminaes.

«E ao lado da escola que forma as intelligencias para o trabalho e previne os delictos, deve levantar-se a penitenciária que, regenerando e moralizando o delinquente, pode fazer do criminoso um homem de bem e um operario util a si e á sociedade.

«A pena deve ter unicamente por fim melhorar pela educação, e redimir pela penitencia e pelo arrependimento.

«A religião, a instrução e o trabalho, devem ser os meios empregados pela justiça social para trazer ao caminho da moral e da virtude as almas que se deixaram desvairar pelas fascinações do crime».

POPULAÇÃO DO GLOBO.

O departamento d'estatística de Washington acaba de publicar um interessante estudo da população do globo. A cifra total é d'um milhar de conto, trezentos noventa e um milhões, trinta e duas mil pessoas.

A Asia, a mais povoada das cinco partes do mundo, contém 798 milhões de habitantes ; Europa 300 e 1/2 ; Africa 203 ; America 84 e 1/2 ; Australia e Polinesia, 4 e 1/2 ; Russia tem 71 milhões de habitantes ; o imperio allemão, 41 ; França 36 ; Austria e Hungria 36 ; a Gran-Bretanha e Irlanda 32 ; Italia, cerca de 25 ; Hispanha, 17 ; Turquia, 5.

A povoação dos outros paizes da Europa não chega a cinco milhões.

Na Asia, a China, que é o paiz mais povoado do mundo, tem 425 milhões de habitantes ; o Indostão, 240 ; o Japão, 33 ; Australia tem 1,674,500

habitantes, e as ilhas da Polinesia 2,763,500.

Na Africa, o Egypto tem 8 e 1/2 milhões de habitantes, e Marrocos, 6.

Na America, as duas terças partes da povoação estão ao Norte do isthmo. Os Estados-Unidos tem cerca de 39 milhões de habitantes : Mexico, mais de 9, e as provincias britannicas cerca de 52 milhões : e a da America do Sul, 23 e 1/2, comprehendendo o Brazil, que conta 10.

Londres, que tem 3,654,260 habitantes, é a cidade mais povoada do mundo : Philadelphia é, debaixo do ponto de vista da povoação calculada em 1870, a decima oitava cidade do mundo.

Eis-aqui a serie d'estas 18 cidades :

Londres, 3,254,260 habitantes ; Sutchan (China), 2,000,000 ; Paris, 1,851,792 ; Pekin, 1,300,000 ; Tschantschau-fu, 1,000,000 ; Hangts-cha-fu, 1,000,000 ; Siaugtan, 1,000,000 ; Singaan-fu, idem, Cantão, idem, New-York, 942,292 ; Tientsin, 900,000 ; Vienna, 834,284 ; Berlin, 826,341 ; Hangkan, 800,000 ; Sschingtu-fu, 800,000 ; Calcuttá, 794,645 ; Tokio (Yeddo) 674,447 ; Philadelphia, 674,022. Veem em seguida : S. Petersburgo, 667,963 ; Bombay, 644,405 ; Moscow, 611,970 ; Constantinopla, 600,000 ; Glasgow, 547,538 ; Liverpool, 493,405 ; Rio de Janeiro 420,000. (Do Porto).

MANEJOS REACCIONARIOS.

Expozemos em nosso numero de 14 d'Agosto, comprovando-o com documentos jornalísticos, o quanto no Miho e em Traz-os-montes se trabalhava em favor do carlismo da Hispanha, quer com a tolerancia, quer com a connivencia d'auctoridades civis !

Continuaremos com esta exposição d'ora ávante, até não termos que o fazer, abrindo para isso um artigo no *Brado Liberal* com o titulo de *Manejos Reaccionarios*.

Apoiar-nos-hemos nos documentos que fomos transcrevendo, e continuamos do nosso n.º de 2 d'Outubro :

FOLHETIM.

RELAMPAGOS,

POESIAS DE CUNHA VIANNA.

Com um Prologo de João Penha.

PORTO — 1874, 1 VOL. EM 8.

Acaba de sahir á luz a obra que deixamos indicada, impressa com nitidez, e editada pela Livraria Internacional de Char-dron, com repositório de livros nacionaes e estrangeiros no Porto e em Braga.

Annunciando esta obra, que recebemos e agradecemos ; offerecemos aos nossos leitores alguns trechos do *Prologo* que a prefacia :

«Cem poetas admiraveis, exuberantes de seiva e repletos d'energia, em caminho para o ideal, vão deixando cahir d'estádio em

estádio, como a Atalanta da velha mythologia, os fructos d'ouro — os sazonados pómos do seu genio assombroso.

«Taes são, entre muitos outros, Guilherme d'Asevedo, o poeta da *Alma Nova* e das *Radiações Nocturnas*, que na lyra de bronze faz ouvir os ultimos lamentos d'uma civilização que morre — os cantos infantis d'um mundo que resurge, e os hymnos vagos das gerações por vir : — Guerra Junqueira, o poeta da *Morte de D. João*, que — em meio d'uma sociedade corrupta — faz da lyra azorrague ; e em quanto, mais fe-roz que Juvenal, vae flagellando o vicio nauseabundo, a estupidez beata, e a ineptia bojudá, solta vozes suavissimas de renascimento, de consolação e amor : — Anthero de Qental, o poeta das *Odes Modernas*, um dos gigantes da lenda antiga, que arrojaria os Andes á face d'um deus, se esse deus fosse um tyranno : — Theophilo Braga, o poeta das *Tempestades Sonoras*, que nas scenas do passado procura a philosophia das evoluções da humanidade, e a lei dos

seculos futuros : — Guilherme Braga, o poeta do *Bispo* e dos *Falsos Apostolos*, que, em versos que são lava incandescente, vae destruindo o templo onde os ángures sinitros d'uma religião intolerante e velha acabam d'empobrecer os já pobres d'espirito : — Candido de Figueiredo, o poeta do *Poema da Miséria*, cuja lyra sonora, vibra com mão segura — ora inuta o choro das creanças nuas, o lamento das viuvas sem aórgo, e a blasphemia do pobre sem trabalho — ora se desprende em hymnos, cuja melancholica toada leva ás almas aquelle meditar incoercivel, que é a passagem do mundo real para o mundo feiz dos sonhos : — Gonçalves Crespo, o poeta das *Mi-niaturas*, cujo pincel minucioso não destruiria a fama d'um mestre da escola flamenga : — Maria Amalia Vaz de Carvalho, a poetisa da *Primavera de Mulher*, que seria uma das nossas musas, se a philosophia moderna consentisse divindades pagans, mas que sabe unir em cantos admiraveis a indecisa lamuria dos corações femininos

ao verbo ardente das almas generosas : — Simões Dias, o poeta das *Peninsulares*, que ora vibra a harpa solemne dos prophetas biblicos, ora a guitarra plangente dos filhos do Guadalquivir : — Manuel Duarte d'Almeida, o auctor da *Aromatographia*, o poeta romano, que assiste coroado de rosas ao banquete da vida, desconhecendo o mal e a sombra, vivendo no bem e da luz : — Sousa Viterbo, o poeta do *Anjo do Pudor* e das *Rosas e Nuvens*, que reúne a um coração virginal um espirito gentil ; que tanto ama a natureza que se revela espontanea, como odeia o artificio que se ostenta vaidoso : — João de Deus, o poeta das *Flores do Campo*, enjos poemas divinos fariam chorar Henry Heine, o illacrymavel auctor do *Libro de Lazaro* : — Thomaz Ribeiro, o poeta do *D. Juyne*, que em meio do caminho da posteridade já ouve ao longe o *fas tibi limina divinum* : — Eduardo Vidal, que nos tectos do Martinho vê paizagens mais bellas que as de Claudio Lorenno ; em copos de cerveja, grupos de se-

Do *Trasmontano*, de Villa-Real, n.º 69 :

«O partido reaccionario campea aqui desassombroso, e as nossas auctoridades cruzam os braços.

«A caso ignoram as relações que existem entre os Padres hispanhoes da fronteira, que defendem a causa de D. Carlos, e os que n'esta cidade trabalham activamente para o mesmo fim?!

«E' sabido que todo o partido absolutista se está organisando em commissões, em todo o districto, para proteger e enviar recursos aos carlistas: e as nossas auctoridades dormem, e nada fazem para perseguir e punir os delinquentes que attentam contra as nossas leis.

«Na minha penultima correspondencia fallei em dous padres hispanhoes que vieram para aqui deportados: pois estes personagens depois de procurarem quem lhes fosse ensinar o caminho, e de se despedirem d'algumas pessoas das suas relações, partiram d'aqui, sem que as nossas auctoridades lhes possessem impedimentos».

Da *Actualidade*, do Porto, n.º 195 :

«Dei noticia, na minha ultima, da demissão d'um grande numero de administradores de concelho do norte do reino e da sua substituição.

«Ha quem affirme que estas modificações no pessoal administrativo, são a consequencia da syndicancia a que se procedeu nos concelhos em que se dizia, que era mais notavel a protecção e ajuda dada aos mancejos carlistas. Em tempo dei-lhes noticia d'essa syndicancia, a que se ia proceder por ordem do presidente do concelho de ministros. Se é esse o motivo verdadeiro das demissões a que me refiro, mal se comprehende porque razão não foi tambem exonerado o governador civil de Bragança, accusado publicamente de ser um partidario ferrenho das idéas ultramontanas, e um protector decidido de todas as empresas tendentes a levar reforços aos carlistas».

Do *Diario da Tarde*, do Porto, n.º 2, de 3 d'Outubro :

«Asseveram-nos que em todo o districto de Bragança se procede activamente á organisação de commissões, destinadas a enviar armamento, e mais auxilio aos carlistas».

Da *Aurora do Lima*, de Vianna, n.º 2816, de 2 d'Outubro :

«As auctoridades de Sabugal (Districto da Guarda) prenderam alguns

reias que se debatem sorrindo; — em florestas de tacos, a dança das willis dos bosques da Allemanha; na espuma das sodas, a espuma das ondas; e nas faces dos convivas, as rosas de Maio: — Bulhão Pato, cujos versos melancolicos só podem ser comprehendidos por quem sente na alma a musica dos amores. — E muitos outros poetas, tam bons e tam admiraveis como estes.

«Mas, dirá alguém, n'esta epocha terrivel em que duas sociedades oppostas — uma decrepita e moribunda, mas revigorada pelo intimo esforço da tradiçào e da fé; a outra, nova e robusta, mas enfraquecida pelo influxo d'antigos preconceitos, tentam derrubar-se mutuamente em lucta furiosa de gigantes; — n'esta epocha de tristeza, d'exaltação nervosa e de perplexidade, o canto d'esses poetas parece dever soar inopportuno, como risada estridente em sala funebre e luctuosa.

«Não. — Esses homens, como já dissemos em outra parte — manifestações do pensamento absoluto — obedecem, quasi autôma-

Padres Carlistas, que residiam ha muito n'aquella povoação».

A MAFFIA.

Ha na ilha de Sicilia na Italia uma associação poderosa de bandidos — centro de reunião dos descontentes com as auctoridades, e dos desejosos de vingança d'aggravos particulares.

E' conhecida com o nome de *Maffia* esta associação assustadora, co-irmã da *Camara* de Napoles.

Ninguem na Sicilia pôde aspirar á segurança individual, nem á manutenção da propriedade, uma vez que não se faça inscrever no registro dos associados, pagando por isso a mensalidade respectiva. — Só assim garante a *Maffia* aos insulares a vida e os bens.

As auctoridades locais esforçam-se de balde em medidas providenciaes contra os bandidos. — A população não se coadjuva, antes as illude e desorienta, ou por sympathia occulta pelos associados, ou antes por terror e medo da associação.

Em consequencia d'este estado excepcional das cousas, não hesitou tambem o govêrno de Victor Manuel em empregar alli, no intuito do restabelecimento da ordem e da legalidade, as medidas excepcionaes do estado do sitio.

TRES DOLMENS.

Descobriu-se ultimamente um dolmen — tumulo celta — nas proximidades de Grandola no Alemtejo.

Infelizmente para a archeologia patria, houve quem deslocasse alli por meio do fogo — reduzindo-a a fragmentos — a meza d'enormes proporções, que era cobertura do monumento.

Era crença do povo da visinhança, que os moiros tinham deixado alli, ao serem expulsos de Portugal, um thesoiro encantado de muito valor. — Dava pézo á crença esta lenda antiga: — Entre a «Coveira» e os «Canaes», deixaram os moiros os seus «cabadaes».

Nas immediações do local do dolmen destruido existem ainda outros dois. — Oxalá que os poupe a mão do homem, como os tem poupado a diuturnidade do tempo.

Não são muitos os monumentos celticos em nosso paiz, para que os não respeitemos onde as crenças druidicas os erigiram.

No monte de Lijó, proximo da igreja de Polvoreira entre Guimarães e Visella, existe ainda uma *cava de fadas* com o nome usual de *furna*. — E' de pequena amplitude esta «galeria coberta».

Um *penedo oscillatorio*, alli ao pé existente outr'ora, destruiu-o não ha

tos, á fatalidade que os domina — a de reunir n'uma voz eterna, e mysteriosa, os sons dispersos da humanidade, que se agita inconstante.

«Dos sorrisos e das lagrymas, de cada formosura e de cada monstruosidade, de todos os factos e de todas as ideas, tiram elles — como a abelha do calix da flor — a melodia sonora e completa, que hade mais tarde representar um seculo, uma epocha, uma civilisação: — na bruma das edades só elles permanecem visiveis e inconscusos.

«Os philosophos, que estudam origens e divindades; os sabios, que estudam mudos e constellações; só deveriam estudar poetas, que são o ideal mais puro das emanações do *Indeterminado*; — são deuses, são mundos: — e se Anaxógoras disse que o homem havia nascido para contemplar os astros; nós affirmamos que os astros foram creados para contemplarem o poeta.

«Ninguem ouse, por tanto, acoiar d'inopportuno o canto d'esses homens divinos: — esse canto é logico e fatal: — resulta

muito a mão do homem, apesar de o ter poupado a diuturnidade do tempo.

D'algumas *autas*, existentes igualmente n'aquellas cercanias, conserva-se apenas a memoria nas designações de *Craustos* em alguns sitios.

ESTUDANTES DISTINCTOS.

Nos exames finais do anno lectivo anterior — exames ultimados ainda não ha muito — ficaram qualificados como estudantes distinctos n'este lyceu de Braga os alumnos seguintes:

Em francez: — Ignacio Soares Gomes — Joaquim Gonçalves da Costa — José Gonçalves da Costa — e Julio Cesar Gomes Barbosa.

Em geographia, chronologica e historia — Francisco d'Asevedo Soares de Campos e Castro.

Em introdução aos tres reinos da natureza — Antonio de Sousa Magalhães e Lima — e Joaquim José de Meira.

Em execução do Art. 73 do Regulamento dos Lyceus de 31 de Março de 1873, foram publicados os nomes d'estes estudantes bracaraenses no *Diario do Governo* de 26 de Setembro de 1874 — n.º 216.

FREIRAS COIMBRICENSES.

Vão ser reunidas no convento de Sancta Clara de Coimbra, sobranceiro ao rio Mondego defronte da cidade, todas as freiras existentes no mesmo districto.

Lançou-se á terra a primeira pedra, para a edificação d'este convento, em 3 de Julho de 1649. — Fez a cerimonia da benção, na tarde d'esse dia, o D. Abade de S. Bento, com grande pompa e concurso de fieis.

A trasladação das religiosas, e do corpo da rainha Sancta Isabel, fez-se do convento velho para este novo em 29 d'Outubro de 1677, antes ainda da ultimação da nova edificação. — A festividade foi lustrissima.

— Era então D. Pedro II o regente do reino. Em 26 de Junho de 1696 foi sagrado o templo d'este convento, effectuando esta sagração o bispo-conde D. João de Mello.

Do antigo mosteiro de Sancta Clara, na margem do Mondego a poucos passos da ponte, não resta apenas senão uma diminuta parte da igreja, em virtude das alluções do rio terem sobterrado o resto com o transcurso do tempo.

A fundação d'este antigo mosteiro, deve-se a D. Maior Dias, nobre e virtuosa senhora rica. — Tinha tomado o habito esta senhora no mosteiro de S. João das Doas, declarando n'essa occasião, que ficava livre de futuro a dispor da sua pessoa e bens, embora por esse acto entrasse então na clausura.

A primeira pedra para esta edificação, lançou-a á terra o vigario geral de Coimbra D. Joao Martins de Soalhas, em 28 d'Abri! de 1286. — Mas á munificencia da rainha Sancta Isabel, mulher do rei D. Diniz, é que deveu este antigo mosteiro a ultimação que teve.

d'uma lei absoluta, e d'um facto que se revela.

«Nem nos importe, se o não entendemos. «Se nos parece alegre e extemporaneo, quando tudo é melancolia e tristeza; lembremos-nos de que na desgraça ha risos convulsos: — se nos parece lamentoso e plangente, quando tudo é vida e contentamento; lembremos-nos de que na felicidade ha muitas vezes lagrymas.

«Ora, a essa pléiade brilhante de genios — ao numero dos que assim cumprem na terra um destino fatal — vem junctar-se um novo poeta.

«Fallamos de Cunha Vianna — o auctor d'este livro.

«Disse-nos elle, modestamente, que esperava tranquillo as decisões dos criticos — os bons conselhos dos poetas maiores — e a recompensa honesta dos homens de bem.

«Tudo isso terá, porque tudo merece.

«Emquanto a nós, se a modestia do novo escriptor se não oppozesse a encarecimentos, que poderiam ter-se como suspeitos —

O JOGO.

Tem sido sobremodo escandaloso na Povoia de Varzim o abuso do jôgo n'este anno.

Um chefe de familia, apenas chegou de Traz-os-montes alli, perdeu quanto dinheiro levava comsigo: e teve que regressar para casa com a familia no outro dia de manhan.

Um artista que fôra d'aqui trabalhar alli, com o fim d'arranjar algum peculiosinho para tractar de sua mulher na occasião do parto, perdeu quanto pôde arranjar com o suor do rosto: e teve que voltar para esta cidade em summo desespero.

Mas deixaremos d'apontar mais factos: limitar-nos-hemos a estes dois apenas.

Diremos somente, que ficamos sobremodo maravilhados, quando nos disseram que estavam fazendo as *pagas* alguns *fidalgos* da provincia, e entre elles até *titulares*!

Nunca nos passou pela imaginação, que se havia de vêr isto no *jôgo da roleta*: nem que haveria auctoridades que fechassem os olhos e cerrassem os ouvidos, para não verem estas scenas criminosas, nem ouvirem os lamentos e as imprecações que ellas provocam!

PAPEL D'AMOREIRA.

Começou a empregar-se em França no fabrico do papel, e com vantagem industrial, a casca da amoreira branca.

Contém esta casca 50 a 60 por 100 de fibra pura, que — depois de preparada convenientemente — é avaliada em 200 rs. a 240 rs. por kilogramma.

E' esta uma nova utilidade da amoreira branca, arvore importantissima na industria da seda.

Têm sido empregadas por vezes no fabrico do papel outras madeiras. — Taes são o álamo branco e o pinho ordinario.

No processo moderno de Val-Varnier estreou-se com a palha da avea este fabrico, em logar da madeira.

Nas Caldas de Vizella, no principio d'este seculo, iniciou-se o fabrico do papel com restos de vegetaes inuteis, e com auspiciosos resultados.

Começou-se para isso uma fabrica especial á margem do Vizella no sitio da Cascalheira, por impulso e direcção de Francisco Joaquim Moreira de Sá, fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem de Christo, e senhor da Quinta de Sá em Sancta Eulalia de Barrosas, então do termo de Guimarães.

Este iniciador do fabrico de papel inuteis, é avô paterno da mimosa poetisa visellense a exm.^a D. Anna Amalia Moreira de Sá.

e a louvores que julga não merecer ainda — não nos furtariamos ao prazer de saudar os *Relampagos*, não como estreia auspiciosa d'um poeta noviço, mas como um livro admiravel d'uma intelligencia robusta».

Em vista d'esta aquilatação do illustrado filho d'esta cidade, o distincto *humorista* João Penha; e d'alguns espécimens de poesias de Cunha Vianna, que no *Brado Liberal* tem sido publicadas; — estão habilitados os nossos leitores, para decidirem conscienciosamente — se o auctor dos *Relampagos* está ou não absolvido dos peccados gravissimos d'alguns artigos, que dera á luz na *Palavra*, com a intenção de travar polemica airosa com o finado Guilherme Braga — escriptor que a lousa do sepulchro apontará sempre á posteridade, como genio invencivel na pugna da verberação.